

ROLEZINHO



**Grande devorador de mundos, com imensos olhos de fogo,
que se alimentava da miséria, incendiava as matas,
bebia os rios, os mares, rachava as montanhas,
comia os minérios, cavucava o chão,
engolia todo o petróleo do povoado.**

“Era uma vez...
Um CDC Vento Leste
com seu morro vermelho
e sua linda paisagem linda verde colorida de um sol
bem brilhante,
muitas árvores, bichos –
calangos, morcegos, borboletas, girafa, girassol,
cachoeiras e montanhas, mares, rios
e uma terra assim com muita água.
Mas um dia, minha gente,
esse mundo acordou do avesso.”

(Trecho do espetáculo)

O “Rolezinho” é uma obra cênico-musical que traz todo o elenco do Dolores para sambar na rua. Além da grandiloquência típica do carnaval de rua, com seu forte apelo popular e festivo, o espetáculo traz conteúdos poéticos e políticos que, na tentativa de desmistificar os tumultos sociais dos tempos atuais, narram com traços históricos a dinâmica e a estrutura econômica e social do Brasil. As dimensões didáticas da narrativa e estéticas da encenação nos impulsionam para a circulação da obra em espaços educacionais e de formação. Além da circulação ordinária em espaços públicos, como praças e ruas da cidade, o Dolores também pretende circular com essa obra em escolas públicas da cidade.



Sinopse do espetáculo

Um monstro com olhos de fogo suga toda água da floresta e concede goles d'água aos animais em troca de seus olhos. A fábula carnavalizada pelo coletivo Dolores opera a metáfora do monopólio das riquezas e da cegueira social como características inseparáveis de um monstro, o Boitatá. Diferente das lendas brasileiras, em que o Boitatá surge como defensor de florestas, nesta aparição ele será a representação de uma relação social hegemônica, que domina tudo e todos. O Rolezinho doloriano apresenta periféricxs prisioneirxs de um sistema fazendo festa na boca da fera, encenando a complexa relação de ser parte vital de algo que xs devora. Com 16 atrizes e atores em cena este trabalho marca a volta do Dolores às experimentações com grandes elencos. Desta vez o desafio acontece em espaço aberto e é resultado de uma longa pesquisa envolvendo a Trilogia da Necessidade (último trabalho do grupo composto por três peças com elencos menores) e o bloco carnavalesco do coletivo, o “Unidos da Madrugada”, que sai nas ruas do Jardim Triana. O resultado se utiliza das alegorias, dos coros cênicos e de ritmos carnavalescos para apresentar este monstro e a nossa busca por destruí-lo.

Necessidades técnicas

Espaço físico: 10m x 10m e 5m de altura

Espectáculo realizado em espaços abertos (quadras, pátios, praças) bem como em galpões ou espaços multiuso com piso em condições regulares.

Som e luz: ponto de eletricidade para caixa de som ativa amplificada com entrada para 1 violão e 2 microfones. O coletivo já dispõe desta caixa. Em caso de realização em espaços fechados, iluminação geral.



Ficha técnica

Coletivo Dolores Boca Aberta (elenco): Cristiano Carvalho, Cristina Adelina Assunção, Erika Viana, Fernando Couto, Fernando Oliveira, Igor Giangrossi, Karina Martins, Leticia Laranjeira, Lucas Bronzatto, Luciano Carvalho, Luís Mora, Mariana Moura, Nica Maria, Tati Matos e Tiago Mine

Concepção e criação do espetáculo: Coletivo Dolores

Direção/Encenação: Luciano Carvalho

Assistência de Direção: Tiago Mine

Músicos: Igor Giangrossi, Fernando Oliveira, Letícia Laranjeira e Tati Matos

Composição musical e arranjos: Igor Giangrossi, Fernando Couto, Fernando Oliveira, Lucas Bronzatto e Tita Reis

Dramaturgia geral: Coletivo Dolores

Carpintaria dramaturgica: Cristiano Carvalho, Cristina Assunção, Erika Viana, Igor Giangrossi, Luciano Carvalho e Tiago Mine

Textos: Cristiano Carvalho, Cristina Adelina Assunção, Erika Viana, Fernando Couto, Igor Giangrossi, Leticia Laranjeira, Lucas Bronzatto, Luciano Carvalho, Nica Maria, Tati Matos, Tiago Mine e Xi Lihzi

Figurinos e Adereços (concepção): Erika Viana, Luciano Carvalho e Nica Maria

Figurinos e Adereços (confecção): Erika Viana, Fernando Couto, Igor Giangrossi, Laura Rodrigues Alves, Nica Maria e Tiago Mine

Costura dos Figurinos: Maria das Graças

Bordado em peneira: Mariana Moura

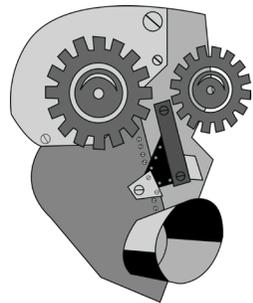
Comunicação: Lucas Bronzatto e Mariana Moura

Arte do cartaz: Mariana Moura

Produção: Tati Matos

Registro Fotográfico: Alexandre Gonçalves e Daisy Serena

Criação audiovisual: Luís Mora



Sobre o Dolores Boca Aberta

Nestes dezoito anos de construções cênicas e diálogos estéticos na cidade, o Coletivo Dolores produziu obras artísticas nas mais diferentes linguagens apresentadas em diferentes espaços da cidade. A experimentação de linguagens é uma marca do coletivo que conta com músicxs, poetas, atrizes e atores, artistas visuais, contadorxs de história e também professorxs, psicólogxs, profissionais da saúde, videomakers, fotógrafxs, educadorxs físicxs, jornalistas, jardineirxs, etc.

Sendo assim, o Dolores configura-se como um grupo de trabalhadorxs artistas que exerce, entre todos os percalços, o direito de expressar o mundo que lhe atravessa através da arte.

Nessa caminhada de inúmeras produções (peças, ações de agitação e propaganda, experimentos cênicos e audiovisuais, musicais, atos poéticos, plásticos e outros) sobre temas variados (a cidade, os heróis, alimentação e relações de produção, erotismo, preguiça e trabalho, etc.) construímos uma poética em nosso fazer artístico e político. De fato essa foi sempre uma preocupação do coletivo: como construir um modo próprio de fazer arte, pensando estética e política de modo alinhavado? As respostas foram sendo forjadas junto às demandas criativas de cada produção.

Foram 10 espetáculos e outras tantas experimentações apresentadas em lugares bastante díspares entre si: teatros municipais com palco italiano; CEUS (Centro Educacional Unificado da prefeitura de São Paulo); pátios internos ao ar livre; em via pública; em salas de aula; no salão de um prédio ocupado por integrantes de um Movimento de Trabalhadores Sem Teto, no centro de São Paulo; em assentamentos rurais; em manifestações de rua; em espaços teatrais alternativos, entre outros.

A afirmação de trabalhadorxs que fazem arte tem total influência e consequência nas elaborações estéticas, tanto no tempo e na técnica do fazer quanto na leitura simbólica do mundo. Daí surge também este fazer artístico do coletivo Dolores a que chamamos de Teatro Mutirão. Tal conceito retrata a forma de organização, de produção artística e de estética combativa do Coletivo Dolores.



Sobre o CDC Vento Leste

O CDC Vento Leste é um espaço cultural público de resistência auto-gerido situado na zona leste de São Paulo, no Jardim Triana, próximo ao metrô Patriarca.

Quem chega ao portão de entrada do CDC Vento Leste se depara com um galpão grafitado. Na frente do galpão, área verde, um ônibus casa e uma cozinha caipira com fogão à lenha. Atrás do galpão um grande catavento colorido defronte a um morro de terra avermelhada. Do alto desse morro pode-se avistar parte da Vila Formosa, Cidade Líder, Cohab I, Jardim Nordeste, Ermelino Matarazzo, o falido primeiro shopping da zona leste, a Radial e outros tantos pontos da região e espaços mais distantes, como o adensamento de prédios do Carrão e Tatuapé.

Aos pés do morro, o CDC em panorâmica: duas salas de ensaio, quatro containers velhos, o teatro de arena com árvores, as esculturas e os tótems poesia, as quadras esportivas, o parquinho de madeira das crianças, o pessoal dos três grupos de teatro, da capoeira, da dança, do futebol, do basquete e da Terceira Idade: polifonia da intensa atividade a mover este espaço que foi um dia somente um terreno baldio.

O terreno abandonado ganhou shows musicais lotados, virou sede do carnaval contra-hegemônico, palco do espetáculo “A Saga do Menino Diamante” e da multidão que o assistia, abrigou mostras teatrais e videográficas, saraus e exposições fotográficas. E mais, virou dormitório de artistas vindos das mais diferentes regiões do Brasil, tornou-se parque de esculturas a céu aberto, ganhou poemas impressos em aço, espalhados entre árvores ao longo da pista de caminhada. E ainda, fez-se espaço onde também colocamos nossa alegria, festas, espetáculos, seminários, debates, estudos conjuntos, saraus, pesquisas teatrais, intensidade, movimento...

É do alto do morro vermelho que se toma distância da história frenética, dali se vê a cidade e mira-se o sonho. Por lá, novas viagens e planos de luta: subir no lugar mais alto: silêncio e trama.



doloresbocaaberta.org.br
doloresbocaaberta.org.br/rolezinho
facebook.com/coletivodolores/
insta: @doloresbocaaberta
doloresbocaaberta@gmail.com